

V Seminário Internacional de Pesquisa em Prisão  
09 a 11/12/2019, FFLCH-USP, São Paulo-SP

Grupo de Trabalho

**Egressos do sistema prisional como objeto de estudo: experiências, saberes  
e novas perspectivas de análise**

**"Quando cantou minha liberdade": Análise da reinserção do egresso prisional  
no mercado de trabalho através do apoio de instituições do terceiro setor**

**Isabela Calijuri Hamra**

Programa de Pós-graduação em Sociologia, UFSCar

O resumo aqui apresentado se refere à pesquisa de mestrado intitulada "Quando cantou minha liberdade": Análise da reinserção do egresso prisional no mercado de trabalho através do apoio de instituições do terceiro setor. O objetivo do presente trabalho é analisar a permanência dos egressos nas vagas de emprego em que são realocados no mercado de trabalho via instituições do terceiro setor. Para tanto utiliza-se algumas categorias como a definição de egresso, perfil do ex-presos incluindo idade, sexo, raça, crime cometido e tempo de permanência na prisão, baseando-se nas pessoas atendidas por esses projetos. Foram escolhidas duas organizações não governamentais da grande São Paulo para realização da pesquisa, ambas focadas em (re)alocar ex-presidiários no mercado de trabalho, via empresas parceiras. A metodologia para análise utilizada é a observação participante nas ações que são realizadas com os egressos, bem como entrevistas com os gestores das instituições. Em campo notou-se a necessidade de destacar a relação estabelecida entre os beneficiários dos projetos e o quadro de funcionários das ONGs. O que se busca com a pesquisa de campo é compreender a metodologia de trabalho das instituições - semelhanças e diferenças - e a preparação do egresso para sua vivência no mercado de trabalho formal e quais suas consequências. O egresso prisional está preparado para o mercado de trabalho? Ou o mercado de trabalho está preparado para receber o egresso prisional? Em campo as análises vêm demonstrando que não, pois o número de entrada nas vagas é alto, porém o de saída também, evidenciando, a princípio, uma curta permanência. Busca-se então compreender os impactos da empregabilidade do egresso, a atuação dessas organizações, bem como os fatores que acarretam essas demissões.

Palavras-chave: Egressos do sistema penitenciário, prisão, empregabilidade prisional, terceiro setor

## Introdução

A pesquisa apresentada a seguir decorre de estudos realizados para dissertação de mestrado no Programa de Pós-graduação em Sociologia da UFSCar, trabalho ainda em andamento, com conclusão programada para 2020. O assunto em análise são os egressos do sistema penitenciário e sua reinserção social com o apoio de organizações não governamentais na Região Metropolitana de São Paulo, tendo como foco a empregabilidade do ex-detento.

O objetivo do trabalho é compreender como atuam essas organizações do terceiro setor junto aos egressos, focando no aspecto da empregabilidade e compreender os desdobramentos que a realocação no mercado de trabalho formal produz sobre o egresso. Além disso, pretende-se destacar aproximações e distanciamentos na atuação das instituições estudadas.

As políticas públicas voltadas para egressos prisionais ainda são deficitárias e encontram muitos entraves para sua efetividade. Até mesmo o conceito de egresso prisional é questionado, visto que de acordo com a Lei de Execuções Penais<sup>1</sup> egresso é o indivíduo liberado definitivo, pelo prazo de 1 (um) ano a contar da saída do estabelecimento e o liberado condicional, durante o período de prova. Nenhum dos projetos estudados segue a definição disposta em lei. As organizações do terceiro setor surgem visando suprir uma lacuna do Estado, que na cidade de São Paulo possui poucos pontos de apoio, capacitação e empregabilidade ao ex-presidiário. Baseando-se no trabalho que essas ONGs desenvolvem, as metodologias, parcerias e análises que conseguiram desenvolver em poucos anos de portas abertas, esse estudo tem como foco expandir a compreensão destes pontos e poder auxiliar a atuação do Estado na implementação de uma política pública eficiente, visto que o trabalho dessas ONGs é extremamente relevante mas conseguem atender apenas uma fração da demanda, considerando a quantidade de ex-presos que existem na cidade de São Paulo.

---

<sup>1</sup> BRASIL. Lei no 7.210, de 11 de julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal.

A produção acadêmica sobre prisões vem crescendo no país, mas ainda temos poucos estudos sobre os egressos do sistema penitenciário e escassa é a produção que aborda os programas de apoio ao ex-presos, principalmente, quando se enfoca as organizações do terceiro setor. Essa pesquisa é relevante por fazer um levantamento das políticas públicas na cidade de São Paulo e compreender a atuação das ONGs que agem diretamente apoiando moral e socialmente o ex-presidiário, focando em sua empregabilidade no mercado formal.

Desde 2003 existe a Coordenadoria de Reintegração Social e Cidadania, que se manifesta na prática via Centrais de Atenção ao Egresso e a Família (CAEF) espalhadas por todo o estado de São Paulo. A CAEF da cidade de São Paulo, que atende toda a grande metrópole, estabeleceu parceria com ambas as ONGs visando o fortalecimento dos programas de apoio ao egresso, bem como realiza encaminhamentos para a Pró-Egresso, ligada à Secretaria do Emprego e Relações de Trabalho, o Instituto Bem Maior, o Instituto Rede Mulher Empreendedora e a Casa Flores, estes mais voltados à capacitação da mão de obra. As instituições Gerando Falcões, com o projeto Recomeçar, e o Instituto Responsa têm foco prioritário na empregabilidade do egresso, realizando parcerias com empresas que contratam essa mão de obra com o intermédio das ONGs. Ambas têm um número expressivo de egressos empregados, porém notou-se em uma delas uma quantidade também relevante de demissões. As vagas são disponibilizadas, o egresso é empregado, mas acaba sendo desligado da empresa posteriormente. Visa-se com esse trabalho compreender o que de fato acarreta essa demissão.

A metodologia utilizada para este estudo se baseia na observação participante nas organizações do terceiro setor, convivendo com os egressos beneficiários dos projetos, bem como entrevistas com os gestores das instituições e de programas públicos de apoio ao egresso. A imersão ocorreu na Gerando Falcões, precisamente no projeto Recomeçar, e no Instituto Responsa. Destaca-se que ambos os projetos abrangem a grande São Paulo, sendo o Recomeçar na cidade de Poá-SP e o Responsa no bairro de Pinheiros, havendo então uma limitação geográfica à abrangência dos projetos e de capacidade de atendimento, visto que nenhum dos dois conta com amplo quadro de funcionários, no máximo 6 pessoas. Além disso, as experiências são recentes: o Recomeçar inicia suas atividades em 2015 e o Responsa nasceu em 2017 e abriu as portas em 2018.

A seguir apresento o trabalho, ainda em andamento, destacando bases teóricas da pesquisa, a estrutura das organizações estudadas e suas metodologias de trabalho, empregabilidade do egresso e permanência no mercado de trabalho.

### **Referências Teóricas**

A pesquisa sobre egressos do sistema penitenciário vem se desenvolvendo no Brasil, mas ainda trata-se de uma escassa produção acadêmica. A fonte da qual esses textos bebem é a literatura sobre o encarceramento, prisões e a sociologia da violência e administração de conflitos, visto que internacionalmente e nacionalmente tem-se uma vasta produção de conhecimento sobre o tema. Os estudos sobre prisão são base, pois o que faz dos egressos uma categoria de análise é justamente a sua experiência prisional, não há então como falar desses indivíduos sem analisar as prisões.

Considerada obra clássica sobre prisões, “Punição e estrutura social” (1939, RUSCHE, G. e KIRCHHEIMER, O.) discute a partir de uma perspectiva marxista como as formas de punir se relacionam com fenômenos econômicos, compreendendo a relação entre crime e contexto social, abordando as diferentes formas de punição. Os autores são considerados pioneiros no assunto, tendo posteriormente influenciado os estudos de criminologia crítica. Há uma crítica às teorias sociológicas e às teorias da pena que não haviam, segundo eles, até então discutido de forma mais profunda sobre os diferentes métodos de punição e relacionando esses métodos aos modelos econômicos então vigentes. Rusche e Kirchheimer trazem que “a escravidão como uma forma de punição só é possível com a existência de uma economia escravista, ao passo que o trabalho prisional só é possível numa economia com manufatura ou indústria, e as multas para todas as classes, numa economia monetária” (SALLA, GAUTO e ALVAREZ, p. 336).

Nos anos 1970 na França, Foucault estuda o cárcere trazendo apontamentos e discussões que marcaram essa área do pensamento, inclusive a afirmação de que a “prisão é o grande fracasso da justiça penal” (FOUCAULT, 2014, p. 234). O autor aborda a genealogia das prisões, pautando um modelo punitivista que aborda uma rede de práticas que se sobrepõem incluindo modelos arquitetônicos, técnicas,

saberes, discursos e modos de subjetivação. Foucault (1978) ainda traz o conceito de biopolítica<sup>2</sup>, que se manifesta dentro do cárcere no controle dos corpos baseando-se em discursos que legitimam a punição e engendram a manifestação de governança da vida que as instituições realizam sobre aquele grupo de sujeitos. Em obras como “Vigiar e punir: nascimento da prisão” (1987) o autor traz discussões sobre a penologia que servem como base para outros estudiosos do assunto, gerando críticas e reflexões, visto que Foucault analisa a vigilância e punição em várias entidades estatais como prisões, hospitais e escolas, refletindo sobre as relações de poder ali estabelecidas e desdobramentos do conceito de punição.

David Garland, autor que escreve sobre o contexto britânico nos anos 1990, observa que a política criminal apresenta punições cada vez mais severas, a extrema punição (GARLAND, 1999). O autor nota que não há mais a intenção de correção do delinquente, não há que se falar mais em reeducação do indivíduo, mas em unicamente puni-lo pelo ato cometido, ainda que isso implique ultrapassar limites humanitários. Garland aponta que “A segregação punitiva — penas de longa duração em prisões “sem frescuras” e uma existência estigmatizada, controlada de perto, para aqueles que são, finalmente, libertados — é cada vez mais a escolha que se impõe” (GARLAND, 1999, p. 61). As políticas penais se apresentam com viés mais vingativo e de castigo, visando ocasionar sofrimento e punição, ganhando força a humilhação dos delinquentes. O autor ainda aborda a questão do crime como sendo “normal” na sociedade moderna e o discurso do medo do crime sendo insumo para a imprensa e empresas de segurança. A justiça criminal moderna e o estado de bem estar social penal, a cultura do controle do crime e a ordem social são alguns dos assuntos sobre os quais Garland se debruça e dialoga com Foucault.

Considerado um autor fortemente influenciado por Bourdieu, Wacquant (2008) discute a prisão como instrumento de controle, punição e administração da

---

<sup>2</sup> Foucault fala na obra “Em Defesa da Sociedade” sobre o nascimento da biopolítica, uma tecnologia que regulamenta a vida e produz efeitos em massa.

pobreza (WACQUANT, 2008, p.41). Analisando o contexto norte-americano, ele traz o declínio do bem-estar social e o processo de encarceramento massivo, relacionando-os com a economia informal e a marginalização dos trabalhadores. Além disso, também aborda o fato de que as prisões modificaram seus objetivos, abandonando as práticas de bem-estar após a reforma de 1996, utilizando-se do liberalismo econômico inclusive nas políticas criminais, alinhado ao modelo de prisões privadas. “Essa mudança de objetivo e de resultado traduz o abandono do ideal da reabilitação, depois das críticas cruzadas da direita e da esquerda na década de 70 e sua substituição por uma “nova penalogia”, cujo objetivo não é mais prevenir o crime, nem tratar os delinquentes visando seu eventual retorno à sociedade uma vez sua pena cumprida, mas isolar grupos considerados perigosos e neutralizar seus membros mais disruptivos mediante a uma série padronizada de comportamentos e uma gestão aleatória dos riscos.” (WACQUANT, 2001, p. 86)

Ademais, Erving Goffman (1988) é utilizado quando se discute os conceitos de estigma e condutas desviantes, sob a ótica das relações sociais, e a identidade social a partir da ressocialização no aprisionamento do indivíduo. Além de ser um importante escritor da escola de Chicago, o autor influenciou o pensamento brasileiro com sua obra “Manicômios, Prisões e Conventos” (2010) e “Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada” (1988).

Após citar de forma sucinta os autores internacionais mobilizados para essa pesquisa, traz-se a bibliografia brasileira sobre o tema das prisões, encarceramento, violência e egressos do sistema carcerário. Adorno e Bordini (1989) fazem uma análise relevante em “Reincidência e reincidentes penitenciários em São Paulo”<sup>3</sup>, discutindo o binômio reintegração *versus* reincidência, no qual discutem dentre outros pontos o conceito de “reincidência”, visto que há variadas definições possíveis a respeito desse termo, ficando suscetível às fontes diversas e à metodologia empregada, dificultando a obtenção de dados seguros que nos

---

<sup>3</sup> ADORNO, S., BORDINI, E. B. T. Reincidência e reincidentes penitenciários em São Paulo, 1974 – 1985. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, no 09, vol. 03, fev. 1989, p. 71 – 94.

permitam afirmar com precisão os índices de reincidência no Brasil (Adorno; Bordini, 1989, p. 70).

Os estudos que abordam a sociologia urbana periférica observam tipos sociais e conceitos como o de sujeição criminal<sup>4</sup> e mundo do crime<sup>5</sup> que se relacionam com os estudos sobre egressos, pois majoritariamente os ex-detentos se encontram nesses emaranhados sociais explorados por Feltran (2008) e Misse (2014).

Pesquisas produzidas no Grupo de Estudos da Violência e Administração de Conflitos (GEVAC) na UFSCar também embasam essa análise, a partir de Jacqueline Sinhoretto, Giane Silvestre e Felipe Melo (2013) que compreendem o encarceramento em massa como um movimento que faz surgir um “novo sujeito político”<sup>6</sup> e cria novas dinâmicas que impactam fortemente na gestão penitenciária.

Por fim, a bibliografia sobre egressos do sistema prisional ainda se encontra em momento incipiente, podendo citar trabalhos como o de Melo (2012), que debate a relação entre “reintegração social” e “reincidência criminal” e aborda as dinâmicas sociais no cárcere, e de Madeira (2008), que discorre sobre os programas de apoio aos egressos e a implementação de políticas públicas voltada a esse grupo social. A autora destaca alguns pontos fundamentais sobre esse programas voltados a egressos, por exemplo quando diz que “os egressos que chegam a programas de apoio passaram por um processo de trocas de valores que os faz buscar uma nova possibilidade de vida, uma quebra de *habitus*, que os leve a uma nova trajetória” (MADEIRA, 2008, p.333). Além disso, retoma a importância da formação de redes sociais pós-cárcere e a necessidade do apoio institucional a esses indivíduos marginalizados que contam com políticas públicas ainda pouco eficientes. Outro

---

<sup>4</sup> A sujeição criminal se refere a um processo social pelo qual há uma expectativa negativa sobre indivíduos, inculcando neles essa expectativa negativa como verdadeira e como integrantes de sua subjetividade. (MISSE, 2014).

<sup>5</sup> Segundo Feltran (2008) é uma “expressão que designa o conjunto de códigos sociais, sociabilidades, relações objetivas e discursivas que se estabelecem, prioritariamente no âmbito local, em torno dos negócios do narcotráfico, dos roubos, assaltos e furtos” (Feltran, 2008, p. 31).

<sup>6</sup> SINHORETTO, Jacqueline; SILVESTRE, Giane; e MELO, Felipe Athayde Lins de. O encarceramento em massa em São Paulo. Tempo Social, revista de Sociologia da USP, v.25, n.1, 2013, p. 111



estudo que debate esse aspecto ressocializador dos programas voltados aos egressos é o apresentado por Souza e Silveira (2015), que apresentam a prisão como instituição falha, sendo então necessária a atuação desses programas para ressocializar e reintegrar o ex-presos à sociedade, ficando este suscetível à cooptação por grupos criminosos ou a ser classificado como reincidente pelos mecanismos oficiais de controle. (SOUZA; SILVEIRA, 2015).

Após a apresentação sucinta da bibliografia que embasa esse trabalho, traz-se a análise dos aspectos práticos, relacionados às instituições do terceiro setor, como se organizam, suas estruturas e dinâmicas de funcionamento, bem como a explicação da ponte que fazem com as empresas para viabilizar a empregabilidade dos egressos e como se dá a permanência desses egressos no mercado de trabalho formal.

### **Organizações não governamentais atuando com egressos do sistema penitenciário**

A pesquisa aborda a Região Metropolitana de São Paulo e busca analisar os programas públicos de apoio ao egresso e, principalmente, as ONGs que vêm se estabelecendo na cidade buscando oportunidades para o egresso no mercado de trabalho formal. O surgimento dessas ONGs evidencia uma lacuna dos programas públicos que não conseguem atender a demanda e também não têm uma rede fortalecida com empresas privadas. A Pró-Egresso, que é um programa dentro da Secretaria do Emprego e Relações de Trabalho, estabelece parcerias com empresas privadas, no entanto, todas as empresas hoje cadastradas prestam serviço ao Estado e majoritariamente têm uma cota de egressos prisionais em seu corpo de funcionários, sendo, então, essa parceria a via que encontram para preencher essas cotas. Além disso, o encaminhamento realizado pela Pró-Egresso considera egresso nos termos da lei, “o indivíduo liberado definitivo, pelo prazo de 1 (um) ano a contar da saída do estabelecimento e o liberado condicional, durante o período de prova”, assim sendo, trata-se de uma abordagem restritiva. Evidente que existem restrições orçamentárias na atuação das políticas públicas e que o corpo de funcionários e de programas parceiros para atender toda a população que um dia já esteve na prisão seria uma demanda que o Estado hoje não conseguiria absorver,

no entanto, restringir as consequências da prisão na vida de um indivíduo a esse período de tempo estabelecido em lei é questionável.

A Central de Atenção ao Egresso e a Família realiza o encaminhamento para o Pró-Egresso em que o foco é a empregabilidade, porém atua também encaminhando para os Centros de Integração da Cidadania (CICs), ligados à Secretaria da Justiça e Cidadania. Os CICs são espalhados pela cidade de São Paulo e oferecem diversos serviços, dentre eles cursos de capacitação profissional. Os egressos encaminhados podem realizar esses cursos ainda que não tenham toda a documentação necessária para inscrição. A CAEF prioriza a região em que o egresso reside para realizar o encaminhamento a algum CIC próximo, favorecendo a qualificação da mão de obra e a consequente recolocação no mercado, ainda que de modo informal.

Nesse contexto, em que as políticas públicas são ineficientes, surge em 2015 o projeto Recomeçar, ligado à ONG Gerando Falcões. Eduardo Lyra, fundador da Gerando Falcões, convida para trabalhar com ele na ONG Leonardo Precioso, seu amigo de infância que acabou se envolvendo no tráfico de drogas e cumprindo pena de 7 anos e 13 dias. Leonardo se desenvolveu dentro da organização, conseguindo inclusive uma bolsa para cursar graduação, restabeleceu sua vida, se aproximou novamente de sua família e teve o desejo de ajudar seus colegas que estavam presos com ele e que, quando saíram, não tiveram a mesma oportunidade que ele. Para isso, criou o projeto Recomeçar dentro da ONG. O projeto atende egressos do sistema penitenciário realizando um cadastro prévio, depois realizam 3 dias de ação com um grupo de 20 a 30 egressos e fazem uma avaliação com psicólogas e assistentes sociais para posterior encaminhamento às vagas de trabalho. Essas ações ocorrem quinzenalmente. A articulação é realizada com empresas parceiras que concedem postos de trabalho ao projeto e então o Recomeçar seleciona um perfil adequado para aquela vaga, a pessoa passa por uma entrevista na empresa e, havendo interesse, ela é contratada. O projeto faz um acompanhamento próximo com egressos empregados, havendo um grupo de mediadores, também egressos, que auxiliam no que for necessário. Há então uma relação triangulada entre a ONG no papel dos mediadores, o egresso e a empresa contratante. Hoje o Recomeçar

conta com 17 empresas parceiras que empregam mão de obra de ex-presos<sup>7</sup>. O Recomeçar destaca que não é uma agência de empregos e que não são todas as mais de 700 pessoas que eles têm cadastradas que conseguirão vagas no mercado de trabalho formal. Além disso, realiza encaminhamentos para cursos de capacitação, promove cursos próprios, bem como, durante os 3 dias de ação que realizam com o grupo de egressos, contam com um módulo de empreendedorismo pessoal, trabalhando em parceria com o Emperifa, no qual diagnosticam habilidades e conhecimentos específicos de cada um dos ex-presos. A Emperifa é uma empresa que desenvolve negócios criativos na periferia de São Paulo, trabalhando com formações, workshops e consultorias e, no curso com os egressos, os estimula a refletir sobre a vida “na rua”, o que gostam de fazer, quais habilidades eles têm, como conseguem colocar seus sonhos em prática, trabalhando um aspecto psicológico que se relaciona com as tecnologias de si abordadas por Foucault (1982). Além disso, a Emperifa trabalha com o conhecimento acumulado na vida criminal dos egressos, dizendo por exemplo que todo traficante é um bom vendedor, se trabalhava na administração do tráfico, pode trabalhar na administração de outra empresa, valorizando o conhecimento adquirido pelos egressos até então, pois muitos vêm com a ideia de que “não sabem fazer nada”. A ação com egressos conta com workshop de cidadania, o curso com o Emperifa trabalhando as subjetividades dos indivíduos, teste psicológico, uma explanação sobre os direitos trabalhistas com um profissional da área jurídica e um módulo preparatório para o mercado de trabalho. É preciso concluir os 3 dias de ação para poder pleitear uma vaga em alguma das empresas parceiras. Hoje são mais de 50 ex-presidiários empregados na economia formal, via projeto Recomeçar, ocupando cargos de vendedor, motorista, auxiliar de cozinha, dentre outros.

Nota-se que a identificação dos facilitadores com o grupo é algo muito relevante, tendo em vista que o fundador do projeto é um egresso, assim como dentro do quadro de funcionários da ONG também há pessoas com experiências prisionais e, principalmente, os mediadores que fazem o acompanhamento rotineiro são todos egressos. Nos discursos que se estabelecem é latente essa identidade,

---

<sup>7</sup> Utiliza-se esse termo pois a ONG não entende egresso nos termos da lei, considera-se que toda pessoa que teve uma experiência prisional pode ser beneficiário do programa.

sempre surgindo frases como “você é tipo nós!”, “é gente como a gente”, “nóis sabe como é tirar uns dias”, “todo mundo aqui já foi tratado no empurrão, apanhou, tirou uns dias”, “isso aqui é de nós, pra nós”, “tudo nós aqui é da quebrada”, mobilizando essas “identidades sociais” (Goffman, 1988) e ganhando credibilidade perante os demais egressos. Misse (2010) também aborda essa questão da “identidade pública estigmatizada”, que todos os membros desse grupo compartilham, sendo eles gestores e funcionários da organização ou beneficiários desta.

Em 2018 o Instituto Responsa inicia suas atividades, também fundado por uma egressa do sistema prisional, Karine Vieira, antes gestora do projeto 2ª Chance ligado ao grupo AfroReggae, que encerrou suas atividades em São Paulo, momento em que Karine optou por abrir uma ONG independente também voltada ao público de ex-presidiários. A fundadora passou 15 anos de sua vida no mundo do crime, categoria mobilizada por Feltran (2008), e ficou 1 ano no cárcere, cursou serviço social pois ganhou bolsa de uma instituição educacional e hoje o Responsa foca em inserir, manter e melhorar o processo de contratação de pessoas egressas do sistema prisional. O corpo de funcionários dessa instituição também conta com egressos e, assim como citado anteriormente, ocorre o mesmo processo de identificação de “identidades sociais”, o que reforça a credibilidade do projeto. O Responsa inicia o contato com o egresso realizando um cadastro prévio, posteriormente realiza uma capacitação que ocorre ao final do mês unindo todos aqueles atendidos no mês anterior. Além disso, a capacitação ocorre em apenas um dia, sendo um workshop de 4 horas fundamentalmente voltado ao preparatório para o mercado de trabalho. Abordam pontos como se vestir no dia da entrevista, como se portar, e trabalham aspectos psicológicos e de superação mostrando histórias de pessoas egressas que obtiveram sucesso após a prisão. O Responsa tem um foco maior na empregabilidade, trabalhando com um modelo diferente do Recomeçar, pois eles mesmos contratam os egressos para prestar serviço a uma outra empresa, sendo que hoje existem 64 pessoas empregadas pelo Responsa prestando serviço à Grow - empresa de patinetes elétricos e bicicletas *Yellow* que são produtos utilizados por um determinado período, contratados via aplicativos de celular e o valor é descontado no cartão de crédito do usuário. A Grow tem uma equipe de

manutenção que fica na rua, recolhendo patinetes e bicicletas em mau estado, e essa equipe hoje é majoritariamente formada por egressos prisionais. O instituto tem empresas parceiras, mas hoje o seu maior cliente é a Grow. Nota-se que neste caso a própria ONG fica responsável pela administração de pessoal, visto que ela se responsabiliza pelo corpo de funcionários que prestam serviço à empresa, atuando como um terceirizadora.

Os dois modelos têm foco na empregabilidade do egresso prisional e, apesar das diferenças quanto às metodologias de trabalho, conclui-se que têm em comum a questão da identidade, das experiências carcerárias, do mundo do crime e a ideia do empreendedor de si. Juntos contam com uma base de quase 1.500 egressos cadastrados, homens e mulheres, de 18 a 70 anos, que cumpriram pena por variados crimes, mas principalmente tráfico de drogas e crimes patrimoniais. Essas ONGs realocaram juntas no mercado de trabalho cerca de 400 pessoas para as quais há dados disponíveis, mas é possível que esse número seja ainda maior. A seguir, será explorada a empregabilidade e a permanência no mercado desse grupo em análise.

### **Empregabilidade e permanência no mercado de trabalho**

Considerando as organizações acima citadas, o seu alcance, quadro de funcionários, métodos de abordagens com os egressos e os resultados práticos obtidos com relação aos dados de empregabilidade que apresentam, pode-se dizer que os projetos têm efetividade se considerarmos como objetivo a inserção do ex-presos no mercado de trabalho. Importante destacar que as instituições também oferecem e encaminham para cursos de capacitação, mas atualmente o foco é o emprego.

O projeto Recomeçar já realocou no mercado mais de 100 egressos, no entanto, houve um número considerável de demissões: cerca de 40% dos egressos empregados foram demitidos por razões diversas. Em decorrência disso e devido ao bom relacionamento que estabelecem com as empresas parceiras, o próprio programa diagnosticou que em 75% desses casos a contratante alegou mau comportamento por parte do ex-presos contratado. Destaca-se que não se questionou a produtividade do empregado, ao contrário, as empresas costumam

elogiar a eficiência e demonstram satisfação com o trabalho realizado pelo egresso, no entanto, padrões comportamentais tornam-se um problema, ocasionando essas dispensas. O indivíduo que passou anos em período de reclusão, apartado da sociedade, evidentemente tem uma sociabilidade que difere daquele que teve um desenvolvimento social pleno por todos os anos de sua vida, provavelmente com uma trajetória de vida mais linear. O Recomeçar tem o cuidado em fazer o acompanhamento constante dos egressos empregados, no entanto, existem *soft skills*<sup>8</sup> que são hoje muito requeridas no mercado de trabalho e com as quais o público egresso não está familiarizado. Alguns pontos foram destacados pela própria instituição que notou um entrelaçamento constante entre vida pessoal e profissional nestes egressos demitidos, por exemplo, deixando de cumprir obrigações profissionais por razões pessoais e achando em muitos casos que era cabível a justificativa que eles davam, no entanto, a lógica em que o mercado opera é outra.

Segundo o instituto Resposta o número de demissões deles não é elevado, no entanto, não tive acesso à porcentagem exata. Um comparativo entre os dois projetos suscita duas possibilidades, uma delas seria o ponto de que a gestão de pessoal no Resposta é majoritariamente realizada pela ONG, visto que os funcionários respondem a eles que prestam serviço a outra empresa, sendo semelhante a um modelo de terceirização, então possivelmente a gestão ser feita por egressos atenua esse fator da dispensa do trabalho, considerando-se que tratam com seus pares. Além disso, o ambiente de trabalho em que o Resposta tem mais pessoas empregadas é na rua, o que pode fazer com que o egresso se sinta mais confortável ou que não tenha que lidar no dia a dia com tantas *soft skills* quanto empregado em um escritório, por exemplo. O fato de serem geridos por uma pessoa egressa e o ambiente de trabalho podem ser fatores que influenciam nesses índices de demissão. São hipóteses levantadas que ainda estão em análise, visto

---

<sup>8</sup> Soft skills é um termo cada vez mais presente no mercado de trabalho que se refere a habilidades de relacionamento interpessoal no ambiente de trabalho, ligadas ao trato entre colegas, empatia, capacidade de se relacionar de forma harmoniosa com seus pares. Diferente das hard skills que se referem a habilidades de conhecimentos de tecnologias, relacionado ao que você sabe fazer, quais ferramentas domina.

que o trabalho se encontra em desenvolvimento, e ainda podem surgir mais variáveis e dados a serem incluídos nesse estudo.

### **Considerações Finais**

O estudo que vem de desenvolvendo busca compreender as bases teóricas que fundamentam as pesquisas sobre egressos do sistema penitenciário, visto que o tema ainda é pouco discutido na produção acadêmica nacional. Além disso, o foco na cidade de São Paulo nos possibilita olhar para dois programas que trabalham com o mesmo público, mas que aplicam metodologias diferentes em um mesmo contexto, e obtêm resultados diferentes, o que faz ressaltar os pontos de análise. O fato de políticas públicas na área serem pouco abrangentes, apresentarem parcerias limitadas e não ocorrerem grandes esforços para que a empregabilidade dos egressos se torne algo central na discussão sobre segurança pública enseja o nascimento de organizações da sociedade civil que se unem para suprir essa demanda.

O fato de tanto o projeto Recomeçar, quanto o instituto Resposta serem fundados por egressos são pontos centrais da análise no que tange à identificação social do grupo de ex-presos, incluindo o corpo de funcionários das ONGs. A metodologia diferenciada de cada uma das organizações ressalta que o ambiente de trabalho e a gestão de pessoal podem ser fatores importantes para a permanência do egresso no mercado de trabalho, seja considerando a liberdade que o trabalho desenvolvido na rua proporciona, inclusive de deslocamento físico, seja no trato do dia a dia em que um egresso fazer a gestão de outro acaba propiciando mais empatia, compreensão por parte do gestor e credibilidade para o encarregado.

Por fim, é fundamental comentar que o trabalho realizado por essas organizações se tornou referência no acolhimento, apoio e acompanhamento de egressos do sistema prisional, podendo inclusive nortear o desenvolvimento de uma política pública eficiente. Nota-se que, em conversas com os egressos, surgiram frases como “Como assim Estado vir me ajuda agora? Os caras estavam me batendo até ontem! Como que agora eu vou procurar eles para alguma coisa?” demonstrando um descrédito do egresso com relação ao Estado por haver uma

confusão entre papéis desempenhados por diferentes órgãos públicos, visto que na visão deles é o mesmo agente que bateu, prendeu e condenou, agora o ajudando. Nesse ponto se destaca a relevância de organizações da sociedade civil que visam qualificar e realocar o ex-presos na sociedade, visando auxiliar o cenário da segurança pública nacional e reduzir os índices de reincidência que hoje no Brasil são muito elevados.

O que se têm como problema para a inserção do egresso no mercado formal, geralmente é a falta de oportunidade, pois os contratantes não querem ter em sua empresa um ex-presidiário. No entanto, esse ponto consegue ser superado pelas ONGs, principalmente se considerado o projeto Recomeçar com suas 17 parcerias, são diversos gestores de grandes empresas que abriram suas portas oferecendo oportunidades aos egressos, por acreditarem no projeto. Porém, notou-se que não basta empregar, é necessário preparar essa mão de obra e qualificá-la, com hard e soft skills. No caso aqui estudado, a vaga de emprego existe e está lá para ser ocupada, basta a preparação do egresso para o mercado de trabalho, bem como um trabalho com a empresa contratante para receber aquele egresso prisional. O Recomeçar e o Resposta vêm se desenvolvendo, compreendendo esses dados e vêm no conhecimento acadêmico um aliado para conseguirem aprimorar suas ações e melhorar como um todo o cenário, seja via ONGs ou via Estado, apoiando social e moralmente os egressos do sistema carcerário e buscando novas oportunidades de emprego para esse grupo social.

### **Referências bibliográficas**

ADORNO, S.; DIAS, C. Monopólio estatal da violência. In: Lima, Renato S.; Ratton, J. L.; Azevedo, Rodrigo G. **Crime, polícia e justiça no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014. P. 187-197.

BRASIL, Lei no 7210, de 13 de julho de 1984. Institui a lei de execução penal. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 13/07/1984.



FELTRAN, G. de S. Fronteiras de tensão. Política e violência nas periferias de São Paulo. São Paulo: Editora UNESP: CEM: CEBRAP, 2011

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir**: a história da violência nas prisões. Trad. de Raquel Ramalheite. 42. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território e população**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GARLAND, David. **Punishment and modern society. A study in social theory**. Oxford: Clarendon Press, 1995.

\_\_\_\_\_. **As contradições da “sociedade punitiva”**: o caso britânico. Revista Sociologia e Política, Curitiba, n. 13, p. 59-80, nov. 1999.

GOFFMAN, E. Manicômios, prisões e conventos. São Paulo: Perspectiva, 2010.

\_\_\_\_\_. Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

MADEIRA, L. M. Trajetórias de homens infames. Políticas públicas penais e programas de apoio a egressos do sistema penitenciário no Brasil. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

MELO, Felipe A. L. de. **As prisões de São Paulo: dinâmicas, fluxos e as implicações nas trajetórias de egressos prisionais. Uma perspectiva a partir do monitor preso de educação**. São Carlos, dissertação de mestrado em sociologia, Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, 2012.

MISSE, M. Crime, sujeito e sujeição criminal: aspectos de uma contribuição analítica sobre a categoria “bandido”. Lua Nova, São Paulo, 2010.

RUSCHE, G. & KIRCHHEIMER, O. Punição e Estrutura Social. 2.ed. Rio de Janeiro: Revan, 2004.

SALLA, Fernando; GAUTO, Maitê; e ALVAREZ, Marcos César. **A contribuição de David Garland: a sociologia da punição**. São Paulo: Tempo Social, revista de sociologia da USP, v. 18, n 1.

SINHORETTO, Jacqueline; SILVESTRE, Giane; e MELO, Felipe Athayde Lins de. **O encarceramento em massa em São Paulo**. Tempo Social, revista de Sociologia da USP, v.25, n.1, 2013.

SOUZA, R.; SILVEIRA, A. **Mito da ressocialização: programas destinados a egressos do sistema prisional**. SER Social, Brasília, v. 17, n. 36, p. 163-188, jan.-jun., 2015.

WACQUANT, L. O lugar da prisão na nova administração da pobreza. Novos estudos, CEBRAP, 80, 2008, p. 09-19.





